

Elizabeth Reichel em conjunto com uma equipe do planetário de Bogotá sobre comunicações indígenas colombianas. No momento, o especialista está colaborando com a linguísta Bfuno Franchetti, do Museu Nacional, num estudo etno astronômico dos índios Kui-Kuru, do Xingu.

MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS

Rubens de Azevedo

Década de 40. Recebo um convite de meu primo Zorrillo de Almeida (Orador oficial da SBAA) para acompanhá-lo numa viagem a cidade de Sousa, na Paraíba, onde ele morou durante muito tempo e fez grandes amizades. Convenço-me e ainda mais: obrigou-me a levar, na bagagem, a minha luneta de 60 milímetros que me permitiu realizar a Carta da Lua.

Não havia, nesse tempo, nem estradas e nem os modernos ônibus que nos transportam para todo o Brasil de forma cômoda e rápida; os ônibus eram pavorosos chocolateiras, com bancos estofados de algodão com caroço, tão pequenos que mal cabiam duas pessoas. Mas a lotação era de três por banco, o que obrigavam um dos passageiros a agarrar o pescoço do outro para não despencar-se sobre as malas que enchiam o passadiço do "ônibus". O jeito era apelar para o trem.

O trem. Esse era uma fileira de vagões minúsculos, de madeira, levados por uma maria-fumaça aos trambolhões: pataco-taco, pataco. Pataco-taco, pataco. Enfrentamos uma terceira classe superlotada, onde havia toda espécie de gente - principalmente velhos e velhas comilões. O número de farnéis de galinha com farofa era imenso. Uns passageiros havia que, após deglutir aquela gororoba, se postavam às janelas para vomitar. E o trem pataco-taco, pataco. Nas curvas, entravam pelas janelas fagulhas e brasas das quais era mister escapar. Vi um matuto retirar de dentro do olho uma brasa do tamanho de uma pitomba e jogá-la pela janela...

A viagem decorria normalmente - isto é, com gritos, ditos e chistes, gargalhadas homéricas; aqui e ali um choro de criança, um desaforo reprimido a tempo. O céu era uma placa de aço, com um Sol escaldante; lascas douradas entravam pelas acanhadas janelas, cegando-nos momentaneamente.

Nas paradas, aproveitávamos para desenferujar as pernas e tomar um cafezinho ou fresco.

Numa das paradas, subiram ao vagão dois soldados: enormes e mal-encarados, tresandando a alho e cachça. Estavam à procura de um ladrão. Ficamos tristes à vista de enormes "parabelluns" que eles seguravam nas mãos calosas. E a história começou: era empurrão para cá, empurrão para lá, muxicão para a direita, peteleco para a esquerda. De repente, um deles, parecido com coadjuvante de filme de Pancho Villa abaixou-se e descobriu, sob o nosso banco, a caixa do telescópio e puxou-a para fora. Geleí. "Que é isso? - gritou ele de forma estentória". "É um aparelho", respondi com voz sumida. "Bom, ninguém que apareio nenhum por aqui". E ameaçou jogar a caixa pela janela. Fechei os olhos e pus-me a rezar. Nesse momento, o Zorrillo deu um brado que ecoou pelo vagão e deve ter escoado, também, pelas quebradas da terra próxima: "Alto lá! Deixe a caixa aí. Eu sou um funcionário autárquico!". O homem virou-se para ele dos seus dois metros de altura. Zorrillo, baixinho, como eu, olhou-o nos olhos com olhar firme e, naturalmente uma grande dor no pescoço e repetiu: "Sou um funcionário autárquico!". O soldado ficou hesitando e depois colocou a caixa cuidadosamente no local. Virando-se para o outro sibilou: "Vamos, vamos, procurar o ladrão". Um rapaz que se achava dormindo foi violentamente acordado e levaram-no aos trancos, porta afora, enquanto o trem, depois de apitar tristemente, langorosamente, reiniciava a sua lenta caminhada.

Recompus-me e perguntei ao Zorrillo: "Que história é essa de funcionário autárquico?". E ele: "Nem eu mesmo sei. Foi o que me ocorreu. Autárquico é uma palavra bonita e al-tissonante. Viu como funcionou?". E voltou ao livro que estava lendo.

Nunca mais ouvi falar do jovem dorminhoco. Ficou-me o sabor amargo de testemunhar as comuns arbitrariedades do sertão nordestino - contra as quais não há força coibidora.

Depois de dois (ou três?) longos dias, descemos em Sousa. Aí tudo mudou: hospedamo-nos na casa dos Formiga - amigos do Zorrillo e empurramos a cara naquelas gostosas comidas típicas da região equinocial: carne-de-sol com pirão de leite, conjica, queijo de manteiga e outras gulodices.

A noite, telescópio armado no pátio, viajamos pelo céu estrelado como nunca mais há de ser: as constelações se mostravam brilhantes no zimbório azul-da-prússia do céu. E as horas correram mansamente. Todos vibraram - a família, os amigos, os vizinhos. Foi uma noite inesquecível durante a qual eu e Zorrillo debulhamos a nossa espiga cultural para uma assembléia de ignaros sequiosos de saber...

Custei a dormir. E quando o fiz, tive um sonho entremeado de imagens variadas, onde se misturavam o soldado com cara de Pedro Armendariz, o rapaz dormindo, as velhas comendo farofa ou vomitando à janela do trem. Acompanhou o sonho o ruído pataco-taco pataco-taco. Persistente, implicante. Por fim, acordei com o sol radioso entrando pela janela e alvejando ainda mais a rede branquinha. Zorrillo já falava lá dentro, na cozinha, com sua voz grossa e quanto e desatava uma de suas famosas gargalhadas.

Nem me lembro quantos dias ficamos em Sousa. Talvez dois, talvez três. Nossa volta foi diferente. Mas isso já é outra história que contarei em outra oportunidade...

GRANDES ASTRÓNOMOS — HEVELIUS

As cidades de Thor e Frauenburgo nos deram com Copérnico um filósofo que descobriu o verdadeiro sistema do mundo, mais pela potência do seu enorme gênio que pelo valor de suas próprias observações. Não muito longe dali, na cidade de Dantzig, encontramos 140 anos mais tarde, um observador infatigável que investigou todos os ramos da Ciência, e que, sem dúvida alguma, juntou seu nome aos descobrimentos brilhantes, se houvesse consentido em utilizar, para a medida dos ângulos, os telescópios recém-descobertos.

Juhann Hevelius, em alemão Hovel, nasceu em Dantzig a 28 de janeiro de 1611. Seus pais eram gente

Seu professor de matemática, Kruger, aconselhou-o a dedicar-se à Astronomia, campo em que poderia realizar descobertas importantes. Seguindo este conselho, Hevelius preparou-se para a carreira que desejava seguir, começando por cultivar com grande entusiasmo o desenho mecânico. A fim de conhecer os observatórios e os investigadores famosos de seu tempo, viajou por diversos países da Europa. Já de volta à terra natal, interveio como carreador e cônsul na administração dos negócios públicos. Digamos em honra dos homens de ciência que suas decisões jamais foram refutadas. Essas funções, porém, não o afastaram de sua verdadeira vocação. Em 1641, construiu sobre sua própria residência um observatório, no qual realizou todos os seus valiosos trabalhos. Sua esposa o ajudou eficientemente nas suas observações e cálculos.